
Artigo de Pesquisa

“Da família, mas nem tanto”: história de vida de uma trabalhadora doméstica

Matheus Vasconcelos Castelliano¹, Manuella Castelo Branco Pessoa², Wesley Jordan Pereira da Silva³

¹ <https://orcid.org/0000-0001-7687-0254/> Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.

² <https://orcid.org/0000-0003-3523-8708/> Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

³ <https://orcid.org/0000-0001-9170-5820/> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

Resumo

O trabalho doméstico é, atualmente, o maior agrupamento de mulheres trabalhadoras no Brasil. Trata-se de uma atividade que possui características associadas a práticas como o trabalho escravo e da subserviência, bem como pela informalidade e precarização do trabalho. Este artigo visa narrar a trajetória de vida de uma trabalhadora doméstica chamada Diva, evidenciando os aspectos subjetivos e objetivos da sua história de vida. Para tal, utilizou-se da História de Vida como principal ferramenta metodológica, bem como o uso do instrumento Agenda Colorida para acessar o cotidiano da trabalhadora. A participante da pesquisa, uma mulher negra que possuía 47 anos durante os encontros, passou a trabalhar como babá e, posteriormente, após a conclusão do ensino médio, empregada doméstica. A sua trajetória é marcada por espaços de invisibilidade e expropriação do trabalho e do corpo, porém, destaca-se como a ferramenta da História de Vida proporcionou um espaço para repensar as possibilidades. Dessa forma, convoca-se a produção científica da Psicologia, um rompimento com paradigmas racistas, sexistas e opressores e, que seja alcançado um caminho de superação e emancipação individual e coletiva.

Palavras-chave: Divisão Sexual do Trabalho, História de Vida, Mulheres Trabalhadoras, Trabalho Doméstico.

“Part of the family, but not really”: life story of a domestic worker

Domestic work is currently the largest group of working women in Brazil. It has characteristics associated with practices such as slave labor and subservience, and such as the informality and work precariousness. The aim of this article is to present the life story of a domestic worker and discuss the reality of paid domestic work in Brazil and its links to social class, gender and race

Submissão: 12/08/2024

Aceite: 06/08/2025

Editora Responsável: Liliam Deisy Ghizoni

Editora de Leiaute: Isabela Nascente

Editora Administrativa: Roberto Aurélio Merlo Filho

Como citar este artigo: Castelliano, M., Pessoa, M. & Silva, W. (2025). “Da família, mas nem tanto”: história de vida de uma trabalhadora doméstica. *Trabalho (En)Cena*. 10 (continuo), e025022. 01-25. <https://doi.org/10.20873/2526-1487e025022>

from the perspective of work psychology. To do this, we used Life History as the main methodological tool, as well as the use of the Colored Agenda to access the daily life of the worker. The participant in this research, a black woman who was 47 years old at the time of the meeting, started working as a childcare worker and later as a domestic worker after finishing high school. Her trajectory is marked by spaces of invisibility and expropriation of her work and her body, but the Life Story tool provided a space to rethink the possibilities. Hence, the scientific production of psychology is called upon to break with racist, sexist and oppressive paradigms and to achieve a path of individual and collective overcoming and emancipation.

Keywords: Gender-Based Division of Labor, Working Women, Household Work, Life story.

Este artigo tem como objetivo narrar a trajetória de vida de uma trabalhadora doméstica chamada Diva, evidenciando os aspectos subjetivos e objetivos da sua história de vida. Buscou-se discutir o trabalho doméstico remunerado, à luz da Psicologia do Trabalho, com o aporte da Teoria da Divisão Sexual do Trabalho, explorando os atravessamentos entre classe social, gênero e raça na configuração dessa atividade no Brasil. O trabalho doméstico possui uma definição ampla. Conforme a Convenção nº 189 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ele é definido como “o trabalho que é realizado em ou para um ou vários domicílios” e inclui uma variedade de tarefas, como: limpar, cozinhar, lavar roupas, passar roupas, cuidar de crianças ou de outros membros da família, realizar atividades de jardinagem, zelar pela casa, transportar membros da família e cuidar de animais domésticos. Essa ampla gama de atividades também é contemplada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Outras Formas de Trabalho, que inclui:

Servir alimentos, arrumar a mesa ou lavar louça; cuidar da limpeza ou manutenção de roupas e sapatos; fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou outros equipamentos; limpar ou arrumar o domicílio, a garagem, o quintal ou o jardim; cuidar da organização do domicílio (pagar contas, contratar serviços, orientar empregados); fazer compras ou pesquisar preços de bens para o domicílio; cuidar dos animais domésticos; e outras tarefas domésticas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2023, p. 2).

Os resultados da Pnad Contínua – Outras Formas de Trabalho indicam que 91,3% das mulheres e 79,2% dos homens responderam que realizavam trabalhos no próprio domicílio ou em domicílio de parentes. Esse dado pode causar surpresa devido à alta taxa de realização relatada pelos homens. Isso se explica pela categorização ampla dos afazeres domésticos utilizada na pesquisa. Entre todas as atividades listadas, apenas na categoria “fazer pequenos reparos ou manutenção do domicílio, do automóvel, de eletrodomésticos ou de outros

equipamentos” a taxa de realização entre os homens foi superior à das mulheres. Além disso, as mulheres pretas apresentaram a maior taxa de realização (92,7%), seguidas pelas mulheres pardas (91,9%) e, por fim, pelas mulheres brancas (90,5%). Destaca-se que a Região Nordeste apresentou a maior discrepância na média de horas dedicadas ao trabalho doméstico e de cuidados. Entre mulheres e homens não ocupados, as mulheres dedicaram, em média, 12,8 horas a mais. Já entre os ocupados, a diferença foi de 8,7 horas a mais para as mulheres (IBGE, 2023).

Essa concentração de serviços domésticos e de cuidados na figura feminina revela uma concepção cristalizada da sociedade capitalista, patriarcal e racista, segundo a qual essas atividades são vistas como funções que requerem qualidades inatas, associadas ao sexo ou à raça (Hirata & Kergoat, 2021). Nesse sentido, percebe-se que a compreensão desse fenômeno exige uma análise cuidadosa, que articula a taxa de realização, o tempo dedicado às atividades, às condições materiais de vida e elementos estruturantes da subjetividade humana, como a classe, o gênero e a raça.

A Teoria da Divisão Sexual do Trabalho, proposta pela socióloga francesa Danièle Kergoat e bastante difundida no Brasil a partir dos estudos da filósofa Helena Hirata, apresenta dois princípios organizadores fundamentais para a compreensão da divisão do trabalho: a separação e a hierarquização (Hirata, 2015; Hirata & Kergoat, 2007; Hirata & Kergoat, 2021; Kergoat, 2009; Kergoat, 2010). Seu funcionamento ocorre por meio dos atravessamentos de gênero. O princípio da separação está relacionado ao entendimento de que há uma distinção, algo que separa o trabalho realizado por homens e por mulheres. Essa separação baseia-se em pensamentos cristalizados, imbuídos de vieses biologizantes e estigmatizantes acerca do trabalho feminino.

O trabalho doméstico e de cuidado parte da ideologia de uma suposta natureza feminina, uma “predisposição biológica” para o cuidado, que institui as mulheres como passivas e submissas (Cirne, 2015). Por outro lado, a esfera do trabalho assalariado era concebida como espaço do trabalhador masculino, qualificado e branco (Hirata & Kergoat, 2007). Concomitantemente, o mencionado princípio de hierarquização trata do maior valor social atribuído a cargos considerados “masculinos”, entendidos como funções que advêm de um processo de aprendizagem, diferente dos cargos “femininos”, vistos como resultado de qualidades inatas associadas ao sexo, à raça e à nacionalidade. Para Hirata (2015), a noção de que existe uma essência feminina que prepara as mulheres para o âmbito da reprodução da vida resulta na invisibilização e desvalorização das profissões ligadas às atividades domésticas e de cuidado.

Com base nas contribuições da Teoria da Divisão Sexual do Trabalho, teóricas do movimento feminista marxista francês buscaram revisar a teoria marxista do trabalho, incorporando análises sobre o trabalho reprodutivo (Hornhardt, 2019). Entre as diversas formas de análise desse fenômeno, destaca-se a perspectiva que considera os atravessamentos de classe, gênero e raça a partir do conceito de consubstancialidade, “unidade de substância”. Para Kergoat (2010, p. 94):

As relações sociais são consubstanciais; elas formam um nó que não pode ser desatado no nível das práticas sociais, mas apenas na perspectiva da análise sociológica; e as relações sociais são coextensivas: ao se desenvolverem, as relações sociais de classe, gênero e “raça” se reproduzem e seco-produzem mutuamente.

Essa articulação consubstanciada entre classe, gênero e raça está no cerne da questão do trabalho doméstico remunerado no Brasil. Atualmente, o trabalho doméstico constitui o maior grupamento profissional de mulheres no país, incorporando um grande contingente de trabalhadoras, especialmente mulheres negras, com baixa escolaridade e oriundas de famílias pobres (Pinheiro, Goes, Rezende & Fontoura, 2019). Segundo o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese, 2022), o Brasil possui 5,8 milhões de trabalhadores domésticos, dos quais 91,4% são mulheres. No relatório de 2023, o Dieese comparou os quartos trimestres dos anos de 2013 e 2022 e constatou que o número de trabalhadores e trabalhadoras domésticas se manteve estável ao longo da década. No entanto, observou-se um aumento na proporção de mulheres negras nessa categoria profissional: de 63,9% em 2013 para 67,3% em 2022 (Dieese, 2023).

Dado que o trabalho doméstico é, em sua maioria, desempenhado por mulheres negras no interior das casas, bell hooks¹ (2022) destaca que, historicamente, a relação entre mulheres negras e brancas tem sido atravessada por dinâmicas de dominação, sendo o espaço doméstico o local onde tais desigualdades se expressam de forma mais evidente. Além disso, esse ambiente configura-se como um espaço onde se reproduzem práticas de discriminação e racismo contra mulheres negras por parte de suas empregadoras. Segundo Bernardino-Costa (2007), no contexto brasileiro, as mulheres escravizadas antecederam as atuais trabalhadoras domésticas. Ainda hoje, é possível identificar a persistência de estruturas sociais herdadas do período colonial.

¹ bell hooks, grafado em minúsculas, é o pseudônimo da escritora e ativista Gloria Jean Watkins. A escolha da grafia minúscula representa um posicionamento político que expressa a recusa da centralidade do "eu" e uma crítica à vaidade intelectual.

É nesse entrelaçamento entre a vivência individual e as estruturas sociais que a história de Diva se insere, possibilitando uma leitura crítica do trabalho doméstico remunerado como espaço de reprodução das desigualdades de classe, gênero e raça no contexto brasileiro.

Método

Contextualização e participante

Este artigo é fruto de uma pesquisa de conclusão de curso, que foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da instituição, recebendo o certificado de apreciação ética (CAAE: 63697922.6.0000.5188). A participante foi contatada para participação voluntária, com os horários e dias dos encontros acordados conforme sua disponibilidade. Durante o primeiro encontro, foi realizada a leitura conjunta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual a participante concordou em participar. Ao todo, foram realizados três encontros, com duração média de duas horas cada.

Diva, nome fictício escolhido pela participante, se identifica como mulher negra, nascida em Pernambuco e residente na Paraíba. Na época dos encontros, Diva tinha 47 anos, era casada, tinha dois filhos e se declarava como diarista. Além de tudo isso, Diva é a narradora e protagonista que permitiu que sua história fosse registrada e compartilhada neste artigo.

Instrumentos

Escolhemos a entrevista aberta de aplicação individual como ferramenta principal, que possibilitou o acesso à história de vida da participante. A História de Vida é um método das abordagens biográficas da pesquisa qualitativa, no qual o pesquisador escuta, por meio de entrevistas não diretivas, que podem ser gravadas ou não, a história de vida dos participantes (Nogueira, Barros, Araujo & Pimenta, 2017). Esse método é caracterizado pelo compromisso com a história enquanto processo de rememoração, no qual o sujeito revisita sua própria vida (Nogueira et al., 2017). Nesse sentido, esse tipo de entrevista possibilita a compreensão das reconfigurações das esferas produtivas e reprodutivas da sociedade e aqui, ao aprofundar nas histórias das trabalhadoras, contribuiu para a construção de um conhecimento ancorado nas condições concretas de vida delas (Silva, Barros, Nogueira & Barros, 2017; Trindade, Maders, Savanhago & Coutinho, 2020).

Para a realização dos encontros, como afirmam Silva et al. (2017), a História de Vida tem como principal característica a preocupação com o vínculo entre pesquisador e participante. Trata-se de um método que pressupõe a existência de vínculo entre os envolvidos e que,

portanto, é necessário sempre considerar a dimensão ética e a alteridade, já que tanto o pesquisador quanto a participante aceitam o convite para compartilhar uma nova experiência (Nogueira et al., 2017). Portanto, a entrevista foi realizada de maneira não diretiva, com base no convite: “Conte-me sua história de vida”. Ressalta-se que, durante os encontros, não é proibido ao pesquisador fazer questionamentos ou apontamentos. No entanto, a intenção desse método é a abordagem da intervenção mínima, permitindo que os interlocutores falem mais livremente.

De maneira complementar, foi utilizada a Agenda Colorida, instrumento primeiramente utilizado por Sarriera, Tatim, Coelho e Bücker (2007) como uma tabela sobre o uso do tempo livre entre adolescentes de classe popular. Posteriormente, foi adaptada por Dulce Hellen Penna Soares (Soares & Costa, 2011; Soares, Luna & de Freitas Lima, 2010) como ferramenta de intervenção nos contextos de orientação profissional para pensar as atividades realizadas por trabalhadores aposentados em seu tempo livre. Para este trabalho, sua utilização foi inspirada na técnica utilizada pela professora Maria Chalfin Coutinho, que, a partir da Psicologia Social do Trabalho, utilizou a ferramenta para analisar o cotidiano de jovens trabalhadores (Borges, 2017; Borges & Coutinho, 2018) e, especialmente, o cotidiano de trabalhadoras domésticas, sendo assim, foi por meio dela que conhecemos o instrumento (Coutinho, D’Ávila, Maders & Morais, 2018; Coutinho, Maders, Trindade & Savanhago, 2018; Coutinho, Maders, Westrupp & D’Ávila, 2018).

Procedimentos de coleta e análise

O primeiro encontro com a participante iniciou-se com o convite: “Conte-me sua história de vida”. A participante falou de maneira livre, com poucas intervenções. O foco do primeiro encontro não foi uma temática específica, mas a apresentação da pesquisa e o essencial estabelecimento de vínculo entre participante e pesquisador. Foi necessária atenção não apenas ao conteúdo da fala, mas também ao conforto da participante, pois a técnica da História de Vida pode evocar memórias difíceis e gerar desconforto nas trabalhadoras. Ao final do primeiro encontro, foi entregue à participante a Agenda Colorida e um conjunto de canetas coloridas. Ela foi instruída a colorir a agenda com as atividades realizadas cotidianamente e a elaborar uma legenda, onde cada cor representaria uma atividade. Vale destacar que, embora não tenha sido o caso desta pesquisa, caso a participante tenha dificuldades para conduzir a atividade sozinha, o tempo do encontro pode ser utilizado com os pesquisadores para preencher a Agenda Colorida.

A partir do segundo encontro, buscamos compreender melhor sua primeira inserção no trabalho doméstico remunerado e discutir a elaboração da Agenda Colorida e seu conteúdo. Por fim, no terceiro e último encontro, foram abordadas dúvidas pontuais surgidas nos encontros anteriores e a música “Lata d’Água” foi utilizada como estratégia metodológica para fomentar as discussões. Também como escolha metodológica, optamos por não gravar os encontros. Durante a sua realização, realizamos anotações pontuais em um caderno, com o objetivo de manter a atenção à experiência com a trabalhadora. Após a finalização de cada encontro, realizamos os registros formais, colocando em papel tudo o que foi possível evocar dos encontros.

As análises do material, juntamente com a produção da Agenda Colorida, foram realizadas a partir da Análise de Conteúdo Temática de Minayo, cujo objetivo é identificar os núcleos de sentido que compõem uma comunicação. Conforme Minayo (2010), as etapas dessa análise consistem na pré-análise, que inclui a leitura flutuante do material, a constituição do *corpus* e a formulação/reformulação das hipóteses e objetivos. Ao final das etapas pré-analíticas, a exploração do material visa alcançar um núcleo de compreensão. Por fim, a etapa de tratamento e interpretação busca interrelacionar as inferências realizadas com o quadro teórico previamente definido, podendo também abrir novas pistas a partir do que for sugerido pelo material.

Resultados e discussão

Este artigo é uma análise do trabalho doméstico a partir da história de uma trabalhadora. Nesse sentido, algumas seções são nomeadas com base nas temáticas que emergiram da oralidade dos encontros, enquanto outras são orientadas pelo conteúdo teórico que guiará a discussão.

Eu sou Diva e assim começa a minha história

No primeiro encontro, pedimos para iniciar como uma apresentação. Diva, conforme mencionamos, é a narradora e protagonista que permitiu que sua história de vida fosse contada e registrada neste artigo.

Sobre sua infância, Diva cresceu cercada por mulheres. Sua mãe e tias foram frequentemente citadas por ela ao recontar seu passado. Para contextualizar sua infância, é importante mencionar que a família de sua mãe é natural de um município do sertão, onde, ao engravidar de seu primeiro filho, sua mãe se viu envolvida com um homem casado, que não

formou vínculos com ela nem com o filho, tampouco ofereceu apoio durante a gravidez. Na busca por melhores oportunidades, mudou-se para outro município, onde conheceu um homem que a levou para outro estado. Dessa relação, nasceram duas filhas, sendo Diva a mais nova. No entanto, sua mãe desconhecia que, novamente, havia se envolvido com um homem casado. Ele afirmava que, ao viajar a trabalho, usava os períodos de ausência para manter suas duas famílias em estados diferentes.

Sua mãe trabalhava como empregada doméstica em uma residência e era responsável pelos cuidados das filhas. Diva, a mais nova, acompanhava-a para o trabalho e, segundo nos relatou, costumava dormir tranquilamente por várias horas. A empregadora de sua mãe, que mais tarde se tornaria madrinha de Diva, preocupada com a sonolência excessiva da criança, aconselhou sua mãe a levá-la ao médico. No entanto, como Diva não tinha registro formal, o hospital recusou o atendimento. De volta para casa, diante da escassez de recursos, a madrinha se empenhou em providenciar o cuidado da bebê: comprou um berço e medicamentos. Em seu relato, Diva também menciona que sua mãe chegou a acender velas e fazer orações pela recuperação da filha. Posteriormente, o pai de Diva apareceu para registrar a criança e possibilitar o atendimento hospitalar. No entanto, já não era mais necessário, pois, de alguma forma, Diva já havia se recuperado.

Diva relatou nos encontros as dificuldades de sua infância, dizendo que “tudo faltava”. Na tentativa de amenizar a pobreza que assolava a família, sua mãe decidiu mandar o irmão mais velho para o interior, para morar com os avós maternos, e a irmã mais velha foi morar com o pai. Apesar de ter cerca de dois anos na época, Diva relatou que já conseguia perceber que a condição financeira de seu pai era melhor. A melhor qualidade de vida com a família do pai resultou na adaptação de sua irmã mais velha ao novo lar. No entanto, a pequena Diva chorava pela mãe enquanto estavam distanciadas.

Trabalhadora doméstica, sem suporte familiar, a mãe de Diva engravidou novamente de seu ex-companheiro, tendo mais dois filhos. Com isso, Diva passou a ser a irmã mais velha na nova dinâmica familiar. Diante dessa situação, a única ajuda disponível eram outras mulheres e mães que moravam nas proximidades. Como precisava deixar Diva sob a responsabilidade de outras pessoas, sua mãe pagava uma quantia para que as vizinhas cuidassem dela.

Quem assume? Conciliação e delegação do trabalho doméstico e de cuidado

Percebemos, a partir dos relatos de Diva, uma ausência silenciosa de políticas públicas ou de mudanças na organização produtiva que facilitassem a conciliação entre o trabalho remunerado e os afazeres domésticos. Esse fenômeno, evidenciado por meio de sua história de

vida, também foi identificado em pesquisas com outras trabalhadoras domésticas, o que demonstra que as mulheres acabam por delegar essa tarefa, como o cuidado das crianças, a outras mulheres, seja da própria família ou contratadas (Coutinho et al., 2018a), ou seja, trata-se de uma prática que se expressa culturalmente.

Diogo (2012) aponta que é comum a inserção laboral das mulheres ser influenciada pelos cuidados com os filhos e com a casa, especialmente entre aquelas das camadas populares, que tendem a priorizar essas atividades por não terem a quem delegar tais tarefas. O trabalho do cuidado delegado a mulheres nas proximidades da mãe de Diva, com o intuito de “olhar” as crianças e servir as refeições, ainda que possa ser considerado “simples” sob a ótica de uma sociedade patriarcal, está demarcado pela lógica da prestação de serviço, uma vez que envolve pagamento, servindo, assim, ao modelo de produção capitalista.

De acordo com Montali (2014), mulheres responsáveis por crianças e adolescentes encontram alternativas de inserção no mercado de trabalho por meio de vínculos precários, especialmente em atividades intermitentes, na tentativa de conciliar casa/trabalho remunerado. Para Pinheiro et al. (2019), o ingresso das mulheres na esfera pública não foi acompanhado por um movimento correspondente dos homens em direção ao mundo privado, o que reforçou a conciliação como a única via para que as mulheres pudessem exercer atividades fora da esfera privada. Montali (2012, p. 14) acrescenta que “as mulheres, ao buscarem a conciliação família-trabalho, inserem-se intensamente nas atividades precárias”. Pensando na realidade das trabalhadoras domésticas, é possível observar uma sobreposição entre trabalho doméstico remunerado e não remunerado.

Quando passei a assumir novas responsabilidades: trabalho infantil doméstico

Quando tinha 32 anos, a mãe de Diva teve sua carteira assinada ao assumir um posto como lavadora de roupas em um hotel. Nesse espaço, conquistou melhores condições de vida para si e para a família. A partir desse trabalho, a família mudou-se de bairro e, com a ajuda de colegas de trabalho, adquiriu uma nova mobília para a casa. Nesse momento de sua trajetória, Diva passou a assumir o papel de responsável pelos irmãos mais novos. Conforme Leal e Mascagna (2016), certas circunstâncias forçam indivíduos das camadas mais populares a iniciarem a vida adulta ainda na infância ou adolescência, muito antes daqueles oriundos de classes mais abastadas, questão que se evidencia na história de Diva e de sua família.

Esse fenômeno, vinculado a uma relação bem demarcada de classe social, também pode ser compreendido em articulação com outros elementos, como o gênero. Tais fatores impeliam Diva a assumir responsabilidades familiares para que sua mãe pudesse se dedicar à esfera

pública, legitimando a responsabilidade feminina desses afazeres. Conforme a PNAD Contínua - Outras Formas de Trabalho (IBGE, 2020a), em relação ao trabalho do cuidado, 37% das mulheres se responsabilizam pelos cuidados de pessoas. Contudo, essa pesquisa abrange apenas indivíduos com 14 anos ou mais. Outra pesquisa da Pnad Contínua (IBGE, 2020b) apontou que, em 2019, 51,8% (19,8 milhões) das crianças e adolescentes realizavam afazeres domésticos e/ou cuidados de pessoas, atividades desempenhadas majoritariamente por meninas (57,5%).

O feminismo marxista apresenta importantes contribuições acerca dessa temática. Hirata e Kergoat (2021) apontam como a sociedade atribui às mulheres a responsabilidade pelo trabalho reprodutivo e do cuidado, cristalizando a divisão sexual do trabalho, tanto no âmbito profissional quanto no doméstico, entre homens e mulheres. Além disso, Antunes (1999) complementa ao destacar que a capacitação para o ingresso no mercado de trabalho ocorre de maneira distinta entre homens e mulheres, uma vez que, desde a infância e a escolarização, há uma construção social sexuada que perpassa os universos produtivo e reprodutivo.

Com aproximadamente sete anos, nossa protagonista começou a ser chamada a assumir responsabilidades domésticas, mas foi aos doze anos que relatou, com mais detalhes, sua rotina diária. Essa rotina consistia em: servir o café da manhã que sua mãe deixava pronto aos irmãos; caminhar até a escola para deixar dois deles e, em seguida, acompanhar o irmão mais novo até uma clínica especializada para crianças com deficiência, local que exigia o uso de transporte coletivo. Quando questionada sobre essa clínica, a fala de Diva indicou que não se tratava de uma política pública, mas de um atendimento social prestado por uma médica de maneira gratuita. Diva o acompanhava e, por vezes, precisava solicitar sua liberação antecipada para conseguir buscar os irmãos na escola no horário da saída. Em seguida, servia-lhes o almoço e, por fim, deixava o irmão caçula dormindo, pedindo a uma vizinha que o observasse ao longo da tarde, enquanto ela própria frequentava a escola.

De acordo com Leal e Mascagna (2016), a entrada no mundo do trabalho pode acontecer cedo, especialmente para crianças e adolescentes pertencentes às camadas populares. Por vezes, essa inserção se entrecruza com o período de estudos e pode culminar em processos de defasagem e abandono escolar. Diva sempre notou que era a mais velha de sua turma durante a escolarização, fato que ela explicita ao afirmar que ainda tem memórias de sua primeira professora. O fato é que a responsabilidade que ela tinha sobre seus irmãos fez com que sua mãe optasse por postergar sua entrada na escola.

Nesse sentido, compreendemos que esse conjunto de atividades desempenhadas por ela enquadra-se no âmbito do Trabalho Infantil Doméstico (TID). A partir da definição proposta por Alberto et al. (2006) e desenvolvida ao longo de outras pesquisas (Alberto et al., 2009;

Alberto et al., 2011; Patriota & Alberto, 2014), o TID é compreendido como os afazeres domésticos de cuidar de casas, pessoas ou animais, que podem ser executados para suas próprias famílias ou para terceiros (neste último caso, em troca de pagamento, em gênero ou espécie), por crianças e adolescentes de até 18 anos.

Para os autores, o TID pode ser classificado em três modalidades: o TID Socialização, que se refere ao trabalho realizado na própria casa, com ênfase no caráter de socialização e participação na vida familiar; o TID Ajuda, relacionado ao trabalho realizado tanto na própria casa quanto na de terceiros, em que a criança ou adolescente assume responsabilidades domésticas visando à liberação de adultos para a realização de outras atividades; e o TID Remunerado, caracterizado pelo trabalho realizado por crianças ou adolescentes em troca de pagamento em espécie ou gênero. Nessa modalidade, as relações de trabalho e os espaços ocupados por empregadores e empregados são bem definidos (Alberto et al., 2006).

Mesmo com as responsabilidades que Diva assumiu enquanto estudava, ela destaca que era uma boa aluna, com bom desempenho em quase todas as disciplinas e que, ao finalizar o segundo grau (ensino médio), tinha desejos e aspirações. O objetivo de Diva era estudar em uma escola técnica. Diante dos cursos preparatórios necessários para alcançar esse objetivo, ela não possuía condições de custeá-los, mesmo aqueles oferecidos pela metade do preço. Nesse sentido, considerar as condições de vida e as circunstâncias concretas de Diva evidencia a distância entre suas disposições materiais e seus desejos. Em busca de alternativas, a jovem tentou elaborar novos projetos, realizando cursos de corte e costura, bordado em tecido, datilografia e serigrafia, mas nenhum deles se consolidou como um campo de atuação profissional para ela.

Diante desse cenário, a jovem buscou elaborar novos projetos de vida, realizando cursos de corte e costura, bordado em tecido, datilografia e serigrafia, mas nenhum deles se tornou, de fato, um campo de atuação profissional para ela. Posteriormente, Diva se casou aos 25 anos, teve seu filho aos 27 e sua filha aos 30. A constituição da família representou um redirecionamento de seus planos anteriores. Assim, a jovem buscava sair de casa, estabelecer-se financeiramente junto ao seu companheiro e, a partir da divisão de custos, pretendia usar as economias para conseguir pagar um curso.

Nesse contexto, e a partir daquilo que o circunscreve, há uma força que empurra a juventude filha da classe trabalhadora a iniciar a vida adulta antes do adolescente das classes mais abastadas (Abrantes & Bulhões, 2016). Evidenciam-se os processos de opressão vivenciados pela juventude pobre e negra que, conforme Leão e Nonato (2012), busca estratégias para a administração das incertezas e das limitações impostas pelo contexto em que

está inserida, procurando maneiras de ampliação dos horizontes, encurtados por trajetórias marcadas pela desigualdade. Pessoa, Castelliano e Costa (2024), ao estudarem as trajetórias de trabalho de jovens em busca de emprego, encontraram que, para eles, os projetos de vida de curto prazo estavam relacionados à aquisição de autonomia por meio da inserção profissional, bem como à melhora das condições de vida de suas famílias, já formadas ou em processo de formação.

Numa ajuda virei doméstica: inserção profissional e atividade de trabalho

Ao concluir o ensino médio, Diva, assim como outros jovens da classe trabalhadora, depara-se com a necessidade de encontrar maneiras de sobreviver. Nesse sentido, a busca por emprego e a inserção profissional tornam-se projetos de vida importantes para esses jovens. Essa realidade pode afastá-los de indagações como: “Qual profissão escolher? Quais são meus desejos e afinidades?”. Dada a necessidade de aceitar as oportunidades que surgem no momento presente (Leal & Mascagna, 2016), essas indagações são, muitas vezes, silenciadas.

Assim, surgiu uma oportunidade para Diva: por meio da indicação de sua tia, ela conseguiu um trabalho como babá de uma criança, em uma casa próxima ao seu bairro. Nesse momento, Diva ficou satisfeita, pois, além da proximidade com seu domicílio, ganharia 80 reais, numa época em que o salário mínimo era de 200 reais. Para ela, o valor era bom, apesar de insuficiente. Bila Sorj (2014) destaca que a categoria do trabalho doméstico reúne um conjunto de características que indicam a desvalorização social desse campo, tais como baixa remuneração, longas jornadas de trabalho e elevado nível de informalidade. Mesmo diante da precarização do trabalho, as trabalhadoras domésticas também o valorizam, uma vez que ele é o propiciador do sustento material (Coutinho et al., 2018a), o que exemplifica a complexidade do fenômeno, que deve ser abordado de forma a compreender as realidades de cada trabalhadora, mesmo quando surgem elementos conflitantes.

O trabalho do cuidado, também denominado *care*, pode ser definido como um conjunto de práticas materiais, emocionais e psicológicas voltadas às necessidades dos outros (Hirata & Kergoat, 2021). Acerca desse cuidado, Passos (2020) nos remete à ideia de que a constituição do ser social, a partir do processo de transformação da natureza, resulta em novas necessidades para a existência humana. A partir disso, o cuidado se expressa como uma necessidade voltada à “satisfação” dessas demandas, sendo realizado por meio do trabalho de outrem. Torna-se, assim, primordial “analisar como foi imposta socialmente uma maneira de exercer, executar e vivenciar essa responsabilidade, principalmente no que diz respeito às mulheres negras” (Passos, 2020, p. 120).

A primeira inserção profissional de Diva foi marcada por uma relação turbulenta com sua contratante. Essa mulher, que apresentava Diva como “minha parceira” e “da família” para as visitas, também parecia “descontar” suas frustrações na trabalhadora. Em seu relato, Diva expôs que sua contratante gritava, quebrava copos e mesas. Dada a gravidade da situação, vizinhos e profissionais de estabelecimentos próximos conversaram com Diva sobre o ocorrido, do qual ela se lembra com medo, além de uma vontade crescente de sair daquele lugar. A “ambiguidade afetiva” foi observada na pesquisa de Coutinho et al. (2018a), na qual as trabalhadoras vivenciavam ora afetos positivos, ora negativos, com as famílias empregadoras. Já Teixeira (2020) destaca a presença de relações baseadas na desconfiança e na humilhação relatadas por trabalhadoras domésticas adolescentes. Para a autora, o trabalho doméstico poderia (e pode) suscitar relações afetuosa; contudo, “o problema dessas contradições é que traduzir essas relações de trabalho em afetividade mascara relações de poder e desigualdades” (Teixeira, 2020, p. 41). Portanto, é importante problematizar a expressão “como se fosse da família”.

Suas atividades na casa consistiam, inicialmente, em cuidar de uma criança. Entretanto, Diva também precisava levá-la e buscá-la na escola e no curso de idiomas, ensiná-la a andar de bicicleta, brincar na piscina e, quando necessário, “virar” (dormir) na casa da patroa. Estudos com outras trabalhadoras domésticas também encontraram relatos desfavoráveis à atividade de dormir na casa dos contratantes (Coutinho et al., 2018a; Soratto, 2006). Com o passar do tempo, e à medida que a criança passou a demandar menos cuidados diretos, a patroa passou a “convocá-la” para realizar outras tarefas, como faxinar, lavar (à mão) as roupas dos residentes da casa, preparar o almoço e levá-lo até o local de trabalho da patroa, que fazia questão de comida “fresquinha”.

O acúmulo de funções também foi observado por Soratto (2006), intensificando-se especialmente quando os membros da família estão presentes na residência, pois passam a demandar atendimento imediato, o que gera a sobreposição de novas tarefas às que já estavam previstas. Diva exemplifica essa dinâmica ao relatar que, mesmo havendo um dia específico para lavar roupas, quando solicitavam que lavasse uma camiseta fora desse dia, ela o fazia.

Esse fenômeno também foi descrito por Ancillotti e da Silva (2023), com base em relatos compartilhados na página “Eu, Empregada Doméstica”, da rede social *Facebook*. Os autores chegaram a cinco classes de resultados na pesquisa: *perspectivas* (percepção positiva das conquistas obtidas nas trajetórias das trabalhadoras e dos projetos de vida; além disso, gratidão pelo espaço de acolhimento na página); *trajetórias* (inserção e permanência na profissão, com vivências marcadas por restrições financeiras e de oportunidades, trabalho

infantil, migrações e rompimento de vínculos familiares); *regras da cozinha* (normas explícitas ou implícitas que as trabalhadoras devem seguir no ambiente de trabalho); *relações de trabalho* (disparidades nas relações laborais, com situações em que empregadores reforçam a subordinação das trabalhadoras); e, por fim, *tarefas* (demonstrações de insatisfação com o acúmulo de funções, como lavar, limpar, passar roupas e cuidar de crianças).

O desejo de sair da residência era manifesto na trabalhadora e, durante sua primeira gravidez, tornou-se o argumento para que se afastasse daquele ambiente de trabalho. Contudo, esse momento coincidiu com a situação de desemprego do marido, fazendo com que a renda de Diva se tornasse a principal base de sustento da família. Assim, mesmo vivendo à margem das políticas públicas e dos direitos trabalhistas, as mulheres negras levantam-se antes do sol para garantir a “vida dos seus” (Carvalho & Gonçalves, 2023, p. 6), assim como fizeram as mulheres escravizadas após a "abolição", sendo as vigas mestras de suas comunidades e famílias (Gonzalez, 2018).

Conforme Hirata (2018):

O desenvolvimento do trabalho doméstico remunerado e do trabalho de cuidado nos últimos anos não se deve apenas, como se diz frequentemente, ao aumento do trabalho remunerado das mulheres e ao envelhecimento notável da população nos países industrializados, mas também é uma consequência da precarização do trabalho e do impacto do desemprego (p. 7).

Enfaticamente, o processo de precarização do seu trabalho se reiterava. Tanto Diva quanto outras pessoas compartilhavam da mesma dúvida: “Como aguentava?”. Tratava-se de um cenário difícil; ela relata que não tinha outra opção, precisava trabalhar diante da necessidade. Foi assim que, durante todos os meses de gestação, seguiu trabalhando até que, uma semana antes do parto, finalmente se afastou, afirmando que, para aquela casa, não voltaria. Magliano, Perissinotti e Zenklusen (2017), em pesquisa com trabalhadoras domésticas em Córdoba, na Argentina, identificaram situação semelhante de violação de direitos trabalhistas e humanos, na qual a participante Daniela teve sua licença-maternidade negada pelos empregadores e trabalhou até poucos dias antes do parto, o que acarretou consequências para sua saúde.

Agenda Colorida: O cotidiano da reprodução

A Agenda Colorida, entregue ao final do primeiro encontro, foi discutida em maior profundidade durante o segundo e, no terceiro, apenas em relação a dúvidas pontuais. No

segundo encontro, focamos em como foi a experiência de realizar o preenchimento da agenda e nas mobilizações que ela gerou. Nesse momento, Diva relatou receio de não a ter preenchido da forma mais adequada, conforme foi orientada, mas contou que teve ajuda de seu companheiro e filhos. Esse sentimento pode ter se manifestado devido ao significado atribuído à participação em uma pesquisa, como se houvesse uma maneira "correta" de preencher o instrumento.

Contudo, apesar da insegurança, ela relatou que a atividade gerou mobilização em sua família, com momentos de riso e divertimento. Os filhos da participante, ao vê-la preenchendo a agenda, a questionavam sobre o que deveria ser anotado, lembraram-na de registrar a ida à igreja no sábado e perguntaram se ela não iria colocar que tinha discutido com a vizinha na rua. A coleta aconteceu na semana das eleições presidenciais de 2022, e Diva preencheu esse evento com a cor vermelha, o que gerou risadas entre a família. Diva disse aos filhos que “não era dessas coisas que se queria saber”, mas, mesmo não tendo incluído esses episódios na agenda, tais informações emergiram em seu relato, complementando, assim, o preenchimento do instrumento a partir da oralidade.

Figura 1

Agenda colorida após preenchimento pela participante



Ao analisar o instrumento, percebe-se que as células da tabela foram preenchidas da seguinte forma: cada horário foi detalhado com as distintas tarefas, destacando cada uma com cores diferentes. Por exemplo: “No trabalho lavando prato / Lavando prato do almoço”, “Limpeza da casa no trabalho”. Além disso, Diva também incorporou à sua agenda registros como “Tomando café”, “Pausa pra almoçar” e “Indo pegar o ônibus pra casa”. Quando a questionamos sobre essa forma de preenchimento, perguntando por que optou por esse nível de detalhamento, ela afirmou que essa foi uma sugestão de seus filhos.

Diante disso, abordamos a sobrecarga de trabalho e o acúmulo de funções atribuídas às trabalhadoras domésticas. Questionamentos se essas diferentes tarefas não poderiam ser atribuições de profissionais distintos, considerando que muitas funções acabam sendo concentradas quando há apenas uma trabalhadora por residência (Soratto, 2006). Além disso, trabalhadoras entrevistadas por Coutinho et al. (2018a; 2018b) também se queixaram da sobrecarga em suas atividades. No entanto, as pesquisadoras destacaram o uso de “astúcias” por parte das entrevistadas, que relataram a possibilidade de estabelecer regras próprias, com certa autonomia, nos casos de “faxinas fixas”, como forma de lidar com a sobrecarga física e mental.

Diva reconhece que são muitas funções e destaca que, ao chegar à residência, há uma ordem para a realização do seu trabalho, a qual se adapta à rotina dos empregadores, aos seus horários, à presença de familiares, entre outros fatores. Ademais, Diva mencionou o uso das redes sociais e mídias digitais como ferramenta de acesso à informação. Segundo a trabalhadora, na plataforma *TikTok* são produzidos vídeos por outras trabalhadoras domésticas que abordam rotinas de trabalho, funções atribuídas e direitos conquistados, como contrato, salário, horas extras, férias, entre outros. Para Carvalho e Gonçalves (2023), o acesso à internet possibilita maior acesso a informações trabalhistas, permitindo que as trabalhadoras se munam de conhecimentos legais.

Diva então trouxe um exemplo: uma trabalhadora doméstica influenciadora que afirmou “diarista não lava a louça”. A partir disso, decidimos questionar se ela achava possível a diminuição de sua carga de trabalho. Diva afirmou que não faria isso nas residências em que já trabalha, demonstrando incerteza sobre como poderia propor uma reconfiguração em um espaço de trabalho e de “contrato” já estabelecido com seus patrões. Entendendo a dificuldade de mudanças nesse tipo de contexto, buscamos compreender se essa seria uma proposta possível de ser feita a futuros contratantes de seus serviços, pensando de maneira prospectiva. Diante desse exemplo hipotético, a trabalhadora se mostrou mais aberta, respondendo “aí sim”. Ainda assim, como interlocutores, não sentimos tanta firmeza em sua fala. Sabemos que se trata de

um assunto delicado e complexo, que envolve sua renda e a sobrevivência de Diva e de sua família. Além disso, ela já havia mencionado anteriormente que esse jeito de trabalhar era o jeito que ela tinha aprendido, ou seja, há uma série de construções e elaborações feitas por ela ao longo dos anos, que, para serem reelaboradas e ressignificadas, demandam tempo.

Retomando a discussão sobre como a sobrecarga do trabalho doméstico acarreta impactos à saúde das trabalhadoras, ao questioná-la sobre sua saúde diante de todas essas vivências, Diva se queixa de dores nos membros inferiores e superiores. Relata que precisou realizar uma radiografia e fazer uso de medicações para conter a dor. Segundo ela, por conta da fraqueza nas pernas, “desmunhequei e caí no ônibus”. A sobrecarga e o acúmulo de funções no trabalho doméstico remunerado também foram observados por Santos (2016), cuja pesquisa constatou que as trabalhadoras frequentemente executam tarefas que deveriam ser desempenhadas por duas ou três pessoas, o que gera consequências à saúde física, sobretudo nas pernas e na coluna.

Além disso, é necessário atentar para o fenômeno do envelhecimento da categoria das trabalhadoras domésticas, que vem sendo evidenciado em diversas pesquisas (Dieese, 2018, 2021, 2022, 2023; Bruschini & Lombardi, 2000; Simões & Hermeto, 2019; Guedes & Monçores, 2019; Fraga & Monticelli, 2021). Nesse sentido, é imprescindível não perder de vista os impactos físicos da atividade laboral na saúde de trabalhadoras em processo de envelhecimento, assim como compreender como esses impactos estão associados ao adoecimento psíquico.

Partir da assunção de que apenas a faxina, em si, desgasta o corpo, seria uma análise equivocada. Diva ressalta que o deslocamento até o local de trabalho também é extremamente desgastante: a necessidade de pegar até três conduções, além de realizar longas caminhadas, a deixa exausta e sem forças. Ela ri ao relatar que há condomínios tão grandes que parecem cidades, e brinca dizendo que deveria existir algum tipo de transporte interno que não fosse a pé. Ao longo do encontro, quando questionada sobre os impactos à saúde mental, Diva remetia, sobretudo, aos impactos na saúde física, que são mais visíveis, mesmo que suas consequências repercutam diretamente também no campo da saúde psíquica. Desse modo, compreendemos que as condições adversas do trabalho doméstico remunerado, os preconceitos enfrentados, as violações de direitos trabalhistas, entre outros efeitos deletérios advindos do modo de produção capitalista, afetam significativamente a saúde das trabalhadoras (Silva et al., 2017).

Em contrapartida, mesmo realizando trabalho remunerado na casa de terceiros, Diva também acumula funções em sua própria residência, que se iniciam assim que acorda. Ao relembrar o período em que seus filhos eram mais novos, esse trabalho envolvia preparar as

porções de almoço, atentando-se às preferências de cada um (“um prefere arroz, outro macarrão”); acordar os filhos para a escola; pentear o cabelo da filha, destacando que seu companheiro “não sabia” fazer isso; e, caso necessário, lavar alguma farda escolar e estender roupas que não haviam sido estendidas na noite anterior, por chegar cansada demais do trabalho. Atualmente, com os filhos mais velhos, ela relata que o foco continua sendo o preparo do almoço, mas brinca: “nada mudou”. Essa realidade remete à construção social do chamado mito da polivalência feminina em nossa sociedade. Nesse sentido, Silvia Federici (2021) critica essa concepção ligada à maternidade e ao cuidado, que exige de a mulher estar sempre atenta a diversas tarefas simultaneamente, demonstrar prontidão, resolver dificuldades rapidamente e adaptar-se continuamente às mudanças.

Diversas autoras têm se debruçado sobre a divisão sexual do trabalho, apontando para o processo de cristalização dessas concepções na sociedade (Hirata & Kergoat, 2021) e para o fortalecimento dos vínculos entre o cuidado e uma suposta “essência feminina”, especialmente no que diz respeito à superexploração das mulheres negras (Passos, 2017). Conforme destacam Silva et al. (2022), é comum que mulheres negras sejam direcionadas a cursos com menor valorização social e econômica, inserindo-se em espaços profissionais marcados pela subordinação e fortemente atravessados pela lógica do “cuidar”. Além disso, é observado um reforço da expectativa social de que cabe à mulher como mantenedora das relações que se estabelecem no ambiente privado, corroborando com a noção de uma suposta “naturalidade” (Hamann, Barcinski & Pizzinato, 2019).

As contribuições das autoras acerca da divisão sexual do trabalho e do trabalho reprodutivo dialogam diretamente com a realidade cotidiana de Diva. Apesar de relatar que recebe ajuda nas tarefas realizadas dentro de casa, ela ainda é a principal responsável pela manutenção do ambiente compartilhado por todos os membros da família. Dessa forma, vemos que, mesmo com o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, as segmentações horizontais e verticais permanecem, as desigualdades salariais persistem e as mulheres continuam a assumir integralmente o trabalho doméstico e reprodutivo (Kergoat, 2010).

Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo narrar a trajetória de vida de uma trabalhadora doméstica, evidenciando os aspectos subjetivos e objetivos da sua história. A história de vida de Diva demonstra a divisão social e sexual do trabalho, trazendo aspectos singulares, mas também coletivos, marcados pela fome e pela necessidade de lutar diariamente pela própria subsistência. Trata-se de uma trajetória que revela a entrada precoce no mundo do trabalho e

uma inserção quase naturalizada, relacionada ao trabalho infantil realizado dentro da própria casa e sem remuneração, cuidando de outras crianças.

Diante da trajetória de Diva, como a de tantas outras trabalhadoras domésticas, citadas em estudos acadêmicos ou nas manchetes de jornais, há a marca da ausência de políticas sociais, o difícil acesso à moradia digna, ao saneamento básico, à educação e ao emprego que se almeja. Mediada a partir da relação estabelecida entre pesquisador e trabalhadora, identificamos o trabalho doméstico situado no nó entre classe, gênero e raça, entendendo estes como elementos que aprofundam os processos de opressão.

Em contrapartida, pensar sobre gênero, classe social e raça pode (e deve) promover espaços de reflexão para a trabalhadora, que, por meio da rememoração de sua vida, pode pensar em novas possibilidades. Escutar Diva foi mais do que acolher um relato: foi reconhecer a potência transformadora do saber que ela carrega. Buscar caminhos por meio da história de vida exige, de ambas as partes, abertura para cada encontro, em consonância com a ética, a alteridade e a humildade epistemológica. O conhecimento das trabalhadoras é a engrenagem central da pesquisa.

Assim, reafirmamos a urgência de uma Psicologia que se coloque ao lado das trabalhadoras, comprometida com a denúncia das injustiças e com a construção de alternativas emancipatórias. Esperamos que a leitura deste material provoque novas reflexões nos(as) leitores(as) sobre o trabalho invisível, muitas vezes solitário, realizado pelas trabalhadoras domésticas no interior das casas particulares.

Como sugestões para estudos futuros, propomos o fortalecimento do trabalho com sindicatos, movimentos sociais, coletivos de mulheres e a relação com a economia solidária. Nesses espaços, há um campo frutífero para a práxis da Psicologia do Trabalho. Que este estudo, portanto, catalise mobilizações para o surgimento de mais propostas de caráter decolonial, de resistência e de emancipação frente à divisão sexual do trabalho.

Referências

- Abrantes, A. A., & Bulhões, L. (2016). Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico*, 241-265. Campinas, SP: Autores Associados.
- Alberto, M. D. F. P., dos Santos, D. P., Leite, F. M., de Lima, J. W., da Paixão, G. P., & da Silva, S. A. (2009). Trabalho infantil doméstico: perfil bio-sócio-econômico e configuração da atividade no município de João Pessoa, PB. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*,

- 12(1), 57-73. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172009000100006&lng=pt&nrm=iso
- Alberto, M. D. F. P., Nunes, T. S., Cavalcante, C. P., & Santos, D. P. (2006). O trabalho infantil doméstico em João Pessoa-PB: um diagnóstico rápido à luz das piores formas de trabalho infantil. *Brasília (DF): OIT*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasilia/documents/publication/wcms_233671.pdf
- Alberto, M. D. F. P., Santos, D. P. D., Leite, F. M., Lima, J. W. D., & Wanderley, J. C. V. (2011). O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. *Psicologia & Sociedade*, 23, 293-302. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200010>
- Ancillotti, C. G. L., & da Silva, P. D. O. M. (2023). Representações e Práticas Sociais em Disputa: O Trabalho Doméstico Remunerado Segundo Relatos em Rede Social. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 23(1), 28-48. <https://doi.org/10.12957/epp.2023.75297>
- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: Ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho*. Boitempo.
- Bernardino-Costa, J. (2007). Trabalhadoras Domésticas no Brasil: um movimento de resistência e re-existência. In *Anales del XXVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Guadalajara* (pp. 000-066). <https://cdsa.aacademica.org/000-066/1041.pdf>
- Bernardino-Costa, J. (2015). Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. *Sociedade e Estado*, 30, 147-163. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922015000100009>
- Borges, R. C. P. (2017). *Tramas da vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho*. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Tese de doutorado). 249p. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177765>
- Borges, R. C., & Coutinho, M. C. (2018). Desvelando a vida cotidiana de jovens universitários que conciliam estudo e trabalho. *Acta sociológica*, 76, 89-111. <https://doi.org/10.22201/fcpys.24484938e.2018.76.64920>
- Carvalho, M. G., & Gonçalves, M. D. G. M. (2023). Trabalho doméstico remunerado e resistência: interseccionalizando raça, gênero e classe. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e249090. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003249090>
- Cisne, M. (2015). *Feminismo e consciência de classe no Brasil*. Cortez Editora.
- Coutinho, M. C., D'Avila, G. T., Maders, T. R., & Morais, M. (2018a). Trabalhadoras domésticas: trajetórias, vivências e vida cotidiana. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 21(1), 87-101. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v21i1p87-101>
- Coutinho, M. C., Maders, T. R., Trindade, C., & Savanhago, L. (2018b). “Acho que homem não é para ele essa profissão”: contrapontos de gênero no trabalho doméstico. *Psicologia Argumento*, 36(91), 1–15. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.36.91.AO01>

Coutinho, M. C., Maders, T. R., Westrupp, M. B., & D'Avila, G. T. (2018c). História de uma trabalhadora doméstica. *Athenea digital*, 18(2), e1940-e1940.
<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1940>

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2023). *O trabalho doméstico 10 anos após a PEC das Domésticas*. São Paulo: Autor.
<https://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2023/estPesq106trabDomestico.html>

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2022). *O trabalho doméstico no Brasil*. São Paulo: Autor.
<https://www.dieese.org.br/infografico/2022/trabalhoDomestico.html>

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2018). *Trabalho Doméstico Remunerado: Pesquisa de Emprego e Desemprego*. São Paulo: Autor.
<https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018empreDomBSB.pdf>

Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2021). *Trabalho Doméstico no Brasil*. São Paulo: Autor.
<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>

Diogo, M. F. (2012). “Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar”: reflexões sobre a inserção de mulheres no seguimento de vigilância patrimonial privada. 2012. 259 f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96365>

Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: Notas sobre Marx, gênero e feminismo* (v. 1). Boitempo Editorial.

Gonzalez, L. (2018). *Primavera para as rosas negras*. Diáspora Africana.

Hamann, C.; Barcinski, M.; Pizzinato, A. (2019). Regulamentação do trabalho doméstico remunerado: implicações psicossociais para trabalhadoras no Brasil. *Barbarói*, v. 1, n. 51, p. 248-268. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v51i1.6331>

Hirata, H. (2015). Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: Divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparada. *Friedrich Ebert Stiftung Brasil*, (7), 1–24. <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasiliens/12133.pdf>

Hirata, H., & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de pesquisa*, 37, 595-609. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>

Hirata, H., & Kergoat, D. (2021). Atualidade da divisão sexual e centralidade do trabalho das mulheres. *Revista de Ciências Sociais-Política & Trabalho/[SL]*, 53, 22-34. <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2020v1n53.50869>

Hooks, B. (2022). *Escrever além da raça*: teoria e prática. 1 ed. Editora Elefante.

Hornhardt, A. M. (2019). *Interseccionalidade, Consustancialidade e a metáfora do “nó”*: A importância das lentes analíticas para a compreensão da imbricação de gênero, raça e classe, 2019. <https://www.niepmarx.blog.br/MM/MM2019/AnaisMM2019/MC23/MC234.pdf>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020a). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Outras formas de trabalho: 2019*. Rio de Janeiro: IBGE.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101722>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020b). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Trabalho infantil de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos de idade 2016-2019*. Rio de Janeiro: IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101777>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Outras formas de trabalho: 2022*. Rio de Janeiro: IBGE.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102020>

Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata H., Laborie F., Doaré H, Senotier D., (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Ed. Unesp. p. 67-75.

Kergoat, D. (2010). Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos estudos CEBRAP*, 93-103. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002010000100005>

Leal, Z. F. de R. G. & Mascagna, G. C. (2016). Adolescência: trabalho, educação e a formação omnilateral. In L. M. Martins, A. A. Abrantes, & M. G. D. Facci (Orgs.), *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice* (pp. 221-237). Campinas, SP: Autores Associados.

Leão, G. & Nonato, S. P. (2012). Políticas públicas, juventude e desigualdades sociais: uma discussão sobre o ProJovem Urbano em Belo Horizonte. *Educação e Pesquisa*, 38, 833-848. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022012005000016>

Magliano, M. J., Perissinotti, M. V., & Zenklusen, D. (2017). Las luchas de la migración en contextos laborales: la experiencia de sindicalización de una trabajadora doméstica peruana en Córdoba, Argentina. *Trabajo y sociedad*, (28), 309-326.
http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1514-68712017000100017&lng=es&tlang=es

Minayo, M. C. D. S. (1992). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. In *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (pp. 269-269).

Montali, L. (2012). Desigualdades de gênero no mercado de trabalho e as políticas sociais. *Anais do XVIII Encontro Nacional de Estudos Popacionais*, Águas de Lindóia, São Paulo, SP, Brasil. <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1901/1859>

Montali, L. (2014). Família, trabalho e desigualdades no início do século xxi. *Revista Brasileira de Sociologia*, 2(4), 109-134. <https://doi.org/10.20336/rbs.79>

Nogueira, M. L. M., de Barros, V. A., Araujo, A. D. G., & Pimenta, D. A. O. (2017). O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 12(2), 466-485.

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200016&lng=pt&tlnlg=pt
- Organização Internacional do Trabalho. (2021). *Convenção 189 sobre Trabalho Decente para as Trabalhadoras e os Trabalhadores Domésticos*. https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/-ed_protect/---protrav/---travail/documents/publication/wcms_179461.pdf
- Passos, R. G. (2017). “De escravas a cuidadoras”: invisibilidade e subalternidade das mulheres negras na política de saúde mental brasileira. *O social em Questão*, 20(38), 77-94. http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_38_art_4_Passos.pdf
- Passos, Rachel Gouveia. Trabalho, cuidado e sociabilidade: contribuições marxianas para o debate contemporâneo. *Serviço Social & Sociedade*, 281-301, 2020. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.069>
- Patriota, G. F. R., & Alberto, M. D. F. P. (2014). Trabalho infantil doméstico no interior dos lares: as faces da invisibilidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 14(3), 893-913. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000300011&lng=pt&tlnlg=pt
- Pessoa, M. C. B, Castelliano, M. V. & da Costa, M. L. M. (2024). Juventude trabalhadora: Trajetórias de trabalho e aprofundamento das desigualdades a partir da classe, gênero e raça. In Oliveira, V. R. (Org.), *Trabalho na Paraíba a condição precária sob vários prismas*. (pp. 34-50). João Pessoa: Editora do CCTA.
- Pinheiro, L., Goes, F. L., Rezende, M., & Fontoura, N. D. O. (2019). *Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua* (No. 2528). Texto para Discussão. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200609_nt_disoc_n_75.pdf
- Santos, M. R. dos (2016). No limite da porta da cozinha: resquícios e lógicas escravistas na contemporaneidade. *Revista Textos Graduados*, 2(1). <https://periodicos.unb.br/index.php/tg/article/view/14304>
- Sarriera, J. C., Tatim, D. C., Coelho, R. P. S., & Bücker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: reflexão e crítica*, 20, 361-367. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300003>
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2017). “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*, 1(1). <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/6224>
- Silva, S. O. D., Santos, S. M. C. D., Gama, C. M., Coutinho, G. R., Santos, M. E. P. D., & Silva, N. D. J. (2022). A cor e o sexo da fome: análise da insegurança alimentar sob o olhar da interseccionalidade. *Cadernos de Saúde Pública*, 38, e00255621. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT255621>
- Soares, D. H. P., & Costa, A. B. (2011). *Aposent-Ação: aposentadoria para ação*. São Paulo: Votor.

Soares, D. H. P., Luna, I. N., & de Freitas Lima, M. B. (2010). A arte de aposentar-se: programa de preparação para aposentadoria com policiais federais. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 15(2). <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/12706>

Soratto, L. H. (2006). *Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas*. 2006. 331 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília. <http://repositorio2.unb.br/jspui/handle/10482/6679>

Sorj, B. (2014). Socialização do cuidado e desigualdades sociais. *Tempo social*, 26, 123-128. <https://www.scielo.br/j/ts/a/x3QD6kvmf3thbpsPBCBrh8C/?lang=pt&format=pdf>

Teixeira, J. C. (2021). *Trabalho doméstico*. Editora Jandaíra.

Informações sobre os autores

Matheus Vasconcelos Castelliano

Endereço institucional: Endereço institucional: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Estadual da Paraíba, Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB, CEP 58429-500

E-mail: mvcastelliano@gmail.com

Manuella Castelo Branco Pessoa

E-mail: manucastelobranco2@gmail.com

Wesley Jordan Pereira da Silva

E-mail: wesley.silva.472@ufrn.edu.br

Contribuição dos Autores	
Autor 1	Realização da pesquisa, coleta e análise do material, escrita do manuscrito.
Autora 2	Supervisão, Edição e revisão do texto.
Autor 3	Edição e revisão do texto.